

# **ENSINO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS) COMO PRIMEIRA LÍNGUA DA CRIANÇA SURDA<sup>1</sup>**

Michelle Dultra Rodrigues <sup>2</sup>

Orientadora: Dorcas Rodrigues Silva de Recamán <sup>3</sup>

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo apresentar por meio de estudo a inclusão mediante a alfabetização da criança surda em sua língua materna, língua brasileira de sinais na comunidade ouvinte, sua historicidade ao decorrer das décadas, perspectivas legais assegurando direito e deveres dos deficientes auditivos, processo de ensino aprendizagem em sua língua maternal com suma relevância, e abordagem do processo de alfabetização na LIBRAS durante o decorrer do tempo que foi essencial para os avanços na educação do surdo e suas conquistas, isto dado a pesquisas descritivas e exploratório por meio de questionários e observações em uma instituição pública de ensino fundamental com o intuito da inserção da criança surda no mundo dos ouvintes por meio de sua língua de origem.

**Palavras -chaves:** Inclusão. Educação. Alfabetização. Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

## **ABSTRACT**

The present work aims to present, through a study, the inclusion through the literacy of deaf children in their mother tongue, Brazilian sign language (LIBRAS) in the hearing community, its historicity over the decades, legal perspectives ensuring the rights and duties of the disabled hearing, teaching learning process in their mother tongue with great relevance, and approaching the literacy process in LIBRAS over time, which was essential for advances in the education of the deaf and its achievements, given to descriptive and exploratory research through questionnaires and observations in a public elementary education institution with the aim of inserting the deaf child into the world of hearing through their language of origin.

**Palavras – chaves:** Inclusion. Education. Literacy. Brazilian Sign Language (LIBRAS).

## INTRODUÇÃO

Observando o cenário em que vive a criança com surdez, nota-se que, não há profissionais qualificados na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) em diversos setores da sociedade, conseqüentemente, dificultando a inserção do surdo através da comunicação da sua língua materna à sociedade.

De acordo com a coluna da OTOCENTER, em meio a uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, cerca de 9,7 milhões de brasileiros possuem deficiência auditiva (DA), o que representa 5,1% da população brasileira. Deste total cerca de 2 milhões possuem a deficiência auditiva severa (1,7 milhões têm grande dificuldade para ouvir e 344,2 mil são surdos), e 7,5 milhões apresentam alguma dificuldade auditiva, conforme em <http://otocenter.com.br/coluna> realizada em 27 de maio de 2013.

Desse modo, de acordo com um artigo em que dá ênfase a inclusão da criança surda na rede de ensino regular, tem por relevância a inclusão do surdo na comunidade ouvinte, e para que isso ocorra, faz se necessário a capacitação de profissionais em toda a educação, visto que, na atualidade um deficiente auditivo encontra grandes obstáculos, como o acesso ao ensino aprendizagem em sua língua e socialização com a escola, já que a maioria das redes de ensino, não há profissionais capacitados para destinar o ensino apropriado pela língua materna do surdo, de acordo com a fonte: [SciELO.br/cadernos](http://SciELO.br/cadernos) CEDES.

A princípio vale destacar, que a pertinência do assunto abordado, veio de uma vivência no ensino fundamental com uma muda/surda que não sabia sua língua materna (LIBRAS) e nem a Língua Portuguesa (segunda língua para o surdo), dificultando a comunicação, já que ela mal sabia escrever no celular, dificultando ainda mais a leitura, e a dificuldade em se comunicar com um deficiente auditivo em diversos espaços. Visto que isso me deixava aflita, vendo sua expressão de frustração, por não conseguir dialogar com o ouvinte.

O caminho percorrido foi por meio de pesquisa, de natureza descritiva exploratória e com abordagem qualitativa, com instrumentos de coleta dados relacionados a: entrevistas e observações do cotidiano de uma criança surda. A

pesquisa bibliográfica e em campo foi realizada na escola EMEF Aristóbulo Barbosa Leão.

Os autores foram: Soares (2005), Quadros (1997), Capeline e Rodrigues (2014), Saviani (2009), Fernandes (2006), Pereira (2014), pois desenvolveu uma área de estudos voltados para acriança surda.

As análises de dados foram realizadas a partir dos resultados dos questionários aplicados via google forms.

## **DESENVOLVIMENTO**

A partir do interesse em investigar como acontece a alfabetização da criança com surdez, suas etapas, desafios e possibilidades nos anos iniciais do ensino fundamental, busquei dialogar com pesquisas científicas que contribuem para o desenvolvimento de minha pesquisa.

Foram selecionados dois trabalhos que abordam a temática de nosso interesse nesse projeto.

A primeira pesquisa é da monografia de Luiz Gracia Santos “Alfabetização e Inclusão da pessoa com surdez (2015), realizada na Universidade de Brasília – UnB / Instituto de Psicologia – IP, em nível de especialização. O objetivo do estudo foi analisar como as práticas de alfabetização e inclusão são desenvolvidas pelos professores no processo de ensino aprendizagem dos alunos surdos de uma escola da rede pública municipal de ensino de Sítio do Mato – BA e como ocorre a integração família x escola nesse processo. O problema central abordado por Luiz Garcia Santos foi como a escola regular tem contribuído para inclusão da pessoa surda de forma a garantir que sejam atendidas suas necessidades/especificidades?

A metodologia escolhida para a pesquisa foi a abordagem qualitativa, por meio de observação e entrevista. Os principais teóricos que embasam o estudo foram Soares, 2003.Quadros e Shimiedt, 2006.Rangel, 2002.Pietro, 2003.Vélez, 2008.Silva, 2001.Mendes, 2002.Lacerda, 2008.Dentre os resultados da pesquisa, destacamos que durante a observação, foi possível perceber que os professores se relacionam com os alunos surdos tentando dar atenção e compreender o que eles desejam. Com muita dificuldade, os professores tentam explicar os conteúdos e como resolver as atividades propostas.

Nesse sentido, os alunos surdos não contam com estratégias e metodologias adequadas que atendam às suas necessidades, visto que os professores se desdobram para conseguir cuidar de toda a turma, hora com paciência, hora com estresse, em virtude do quantitativo de alunos.

A segunda pesquisa é da monografia de Naiana de Oliveira Palma “**LIBRAS:** instrumento de inclusão escolar do aluno surdo” (2012), realizada no Centro Sul-Brasileiro de Pesquisa e Extensão e Pós-graduação. O objetivo do estudo foi focar a necessidade da utilização da Língua Brasileira de Sinais na Rede Regular de Ensino e das dificuldades encontradas na inclusão do aluno surdo nesta mesma rede, tal como, a falta de conscientização da sociedade como um todo. O problema central abordado por Naiana de Oliveira Palma foi na efetiva inclusão de surdos nas classes regulares de ensino, de como se dá a comunicação utilizada pelos alunos surdos, sendo que a comunicação adequada é da Língua de Sinais.

A metodologia escolhida para a pesquisa se constitui em uma pesquisa bibliográfica em que se aspira mostrar alguns elementos que evidenciam o fazer pedagógico dos professores frente ao processo de inclusão dos alunos surdos que frequentam as escolas da rede regular de ensino. Os principais teóricos que embasam o estudo foram SKLIAR, 2005. SOARES, 2005. QUADROS, 1997.

Dentre os resultados da pesquisa, destacamos que em virtude dos fatos mencionados, vemos que a lei que garante a educação a todo ser humano e a inclusão da criança com necessidades educacionais na rede regular de ensino, não passa da teoria, pois na prática não é inserido na realidade do indivíduo com surdez, no processo de aprendizagem, há professores despreparados e escolas sem estruturas e metodologias. Do que adianta legislação e falar sobre inclusão, se nem o ensino básico da Libras é presente nas escolas.

Vivemos em um mundo em que se fala do direito, deveres e inclusão, mas, os que precisam, não tem nada do que foi sancionado, não passa de algo decretado, porque na prática, não se faz presente na vida escolar da criança. Entendemos a importância da alfabetização do surdo na sua língua materna como primeira língua e a língua portuguesa como segunda, para comunicar-se com outros surdos e ouvintes, permitindo-o a viver na comunidade dos surdos e ouvintes, permitindo compreender o mundo em que vive.

A leitura das duas pesquisas nos faz entender que a realidade das escolas brasileiras na alfabetização do surdo não condiz com a legislação, o direito à educação, visto que as escolas não têm recursos metodológicos e professores especializados para o processo de ensino da criança com surdez. Para que o surdo se aproprie da língua portuguesa, faz-se necessário alfabetização em sua língua materna e a língua portuguesa como segunda língua, para que assim, dê a ação educativa escolar.

Diante disto, entendemos a necessidade da formação continuada dos professores, para inserir e acolher esses alunos nas escolas, para que encontrem seu lugar que tem por direito, mas que na prática não é viável.

A relação escola x família é essencial para o processo educativo da criança, entrelaçar essa relação, trabalhar em conjunto e entender sua historicidade, cultura e demais, para que tenha resultados esperados e avanço desses alunos na escola.

Mediante fatos históricos e abordagens teóricas que permeiam a educação para surdos, a educação para todos nem sempre acontece e quando acontece não é rápido. A escola enfrenta desafios, tais como: capacitação de professores, face às necessidades das pessoas deficientes, ausência de apoio familiar, de acordo com a monografia de Luiz Gracia Santos "Alfabetização e Inclusão da pessoa com surdez (2015).

A inclusão do aluno surdo nas séries regulares acontece de forma parcial, isto devido ao despreparo e desconhecimento dos professores, mesmo havendo interesse e sensibilidade, percebe-se que o discurso sobre inclusão não condiz com as práticas pedagógicas assumidas pelos docentes.

Conforme a pesquisa bibliográfica da monografia de Luiz Gracia Santos "Alfabetização e Inclusão da pessoa com surdez" (2015), entende-se que precisa ser revista práticas escolares, capacitação dos profissionais da educação diante da realidade, conseqüentemente auxiliará na comunicação e práticas pedagógicas. Por isso, se dá a necessidade da educação continuada, para uma visão interdisciplinar, oferecendo oportunidades e desenvolvimento a partir do fazer pedagógico, valorizar relações e o respeito à diversidade, motivando o aluno para um processo de aprendizagem efetivo.

Destaca-se a importância da relação família x escola estejam unidos nesse processo ensino aprendizagem, para uma educação integrativa.

Levando-se em considerações esses aspectos, os professores tentam se comunicar, manter relação professor x aluno, mesmo havendo essa dificuldade, barreira, para que seja realizado os conteúdos e como resolver as atividades propostas, mas, os alunos deficientes auditivos não contam com estratégias e metodologias adequadas que atendam sua necessidade.

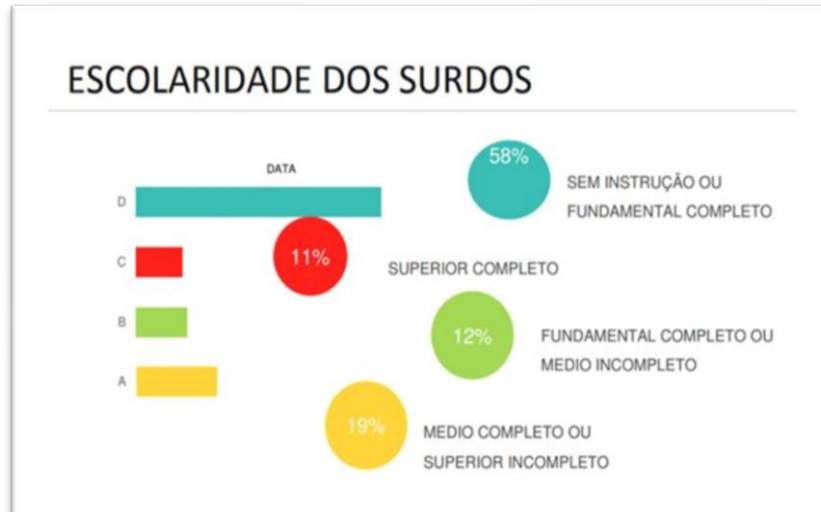
De acordo com o Planalto, o decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999, diz que:

Art. 2º Cabe aos órgãos e às entidades do Poder Público assegurar à pessoa portadora de deficiência o pleno exercício de seus direitos básicos, inclusive dos direitos à educação, à saúde, ao trabalho, ao desporto, ao turismo, ao lazer, à previdência social, à assistência social, ao transporte, à edificação pública, à habitação, à cultura, ao amparo à infância e à maternidade, e de outros que, decorrentes da Constituição e das leis, propiciem seu bem-estar pessoal, social e econômico.

Leis e decretos que asseguraram o direito à educação da criança surda, mas, a prática é inversa, pois, vemos que há falta de capacitação e formação continuada de profissionais para atuarem no ramo, e com a desvalorização salarial, faz com que muitos não se empenhem em se especializar ou seguir com formação continuada.

O trabalho explicita o ensino da Libras como primeira Língua da criança surda, e vemos que há desafios ao decorrer desse caminho, visto que em algumas instituições não têm professores especializados para a recepção e o processo de ensino dessa criança com deficiência auditiva e no gráfico vemos a escolaridade dos surdos no Brasil na rede de ensino, observe o gráfico abaixo:

**Gráfico 1:** A escolaridade dos surdos no Brasil (Feneis 2017)



Fonte: Plataforma esquerda online (EOL)

Em conformidade com o gráfico, o índice de pessoas com deficiência auditiva a escolarização é baixa, isto porque não há professores aptos para lecionar para esse público ou não tem capacidades técnicas para atuar. A realidade não condiz com leis e decretos, o ideal é dotarem a prática, ofertarem cursos gratuitos ou o curso com um valor acessível. Vemos que 58% da população com deficiência auditiva não tem informação ou sequer o fundamental completo, algo que torna difícil seu meio de comunicação e vivência com ouvintes. Já 12% têm fundamental completo ou médio incompleto, ou seja, o que tem sido feito para índices de pessoas surdas com escolarização completa seja média? Conforme o estudo realizado em monografias e artigos, é possível ver mediante o gráfico a escolarização (alfabetização) na rede de ensino regular dos anos iniciais são baixas, devido a sua língua de origem que não é realizado de acordo com suas gramáticas normativas, com base na fonte: plataforma esquerda online (EOL), disponível em: A escolaridade dos surdos no Brasil (Feneis 2017).

A educação transforma vidas, prepara o ser para o mundo e o mercado de trabalho, o surdo que vive em seu mundo silencioso e fala com seus olhos e mãos, precisa de ao menos uma educação qualitativa, seja bilíngue ou só na sua língua materna, mas, que seja alfabetizada, ela precisa se comunicar com o mundo e sem sua linguagem não só seus ouvidos ficam silenciados, mas seus olhos e mãos que são sua forma de expressar e se comunicar.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na Língua Brasileira de Sinais ao longo e estarrecedor jornada em que o indivíduo com surdez enfrentou e vem enfrentando em sua busca pelo processo de ensino em sua língua materna e da língua de origem do seu país, suas dificuldades em meio ao que vem assegurando pela lei, mas que na prática não é eficaz, encontrando empecilhos como professores capacitados, intérpretes, métodos, estruturas e recurso.

A língua de sinais torna-se a língua materna do surdo, tornando parte de uma comunidade, de sua cultura própria, de sua independência social. A fonte veio do referido texto: Dizeu, Liliane Correia Toscano de Brito e Caporali, Sueli Aparecida A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. Educação & Sociedade [online]. 2005, v. 26, n. 91.

Por conseguinte, a seguir veremos a historicidade das libras e seu longo percurso e conquistas e o bilinguismo no Brasil, sua importância no processo de ensino do indivíduo com surdez.

### **Aspectos históricos do Ensino da LIBRAS**

A princípio nota-se que antigamente as pessoas com surdez eram taxadas como pessoas incapazes de serem sujeitos pensantes, por ter devido anomalia, isto porque vinham sendo acusado por filósofos, tendo por consequência o isolamento da pessoa surda, vivendo em um mundo obscuro, cruel, incrédulo, degradar o sujeito por sua diferença ou necessidade educacional especial.

Com base no artigo “Aspectos históricos do ensino da Libras”, O filósofo Aristóteles dizia que o ser que nascesse com anomalia, tais como a surdez, eram sujeitos que não apreender, não era apto a viver em sociedade, espalhando essa “cultura” por vários lugares, fazendo com que fossem condenados à morte ou escravizados. Portanto, antigamente os surdos sofriam com julgamentos, condenações e condições precárias.

Abade Charles Michel de L'Épée foi o educador que fez o marco na vida das pessoas com surdez, visto que para seu descobrimento do meio de comunicação da pessoa surda, ele foi ao encontro de moradores de ruas para tais códigos de comunicação e realizar seus estudos, havendo uma grande evolução na comunicação dos surdos, um marco especial para estas pessoas, fundamentado em: UM BREVE RELATO HISTÓRICO DO ENSINO DE LIBRAS NO BRASIL; Eixo 07 - Educação,



Comunicação e Práticas Inclusivas.

Por meio dessa investigação feita por moradores de rua, o conhecimento da comunicação dos surdos, houve a primeira escola para surdo em 1799, o Instituto de surdos de Paris, dando a oportunidade de os surdos saírem do ensino individual para o ensino na sala de aula, havendo então grande número de matriculados, baseado no artigo um breve relato histórico do ensino de libras no Brasil; Eixo 07 - Educação, Comunicação e Práticas Inclusivas, Abade, utilizou o alfabeto e sinais metódicos, acreditando que os surdos usariam esse meio de comunicação, tendo como grande referência no mundo, houve um acordo para utilizar o melhor método de aprendizado para pessoas surdas, então em 1880 houve um congresso para debate, reunindo educadores e profissionais da saúde, optando pelo oralismo do que ensino gestual, havendo então um recuo no processo de aprendizado em um curto prazo de tempo, no processo de cultura e identidade dos surdos de diversos lugares no mundo.

Entretanto, no artigo “Aspectos gerais da cultura surda e do ensino da LIBRAS no Brasil” o professor francês Eduard Huet, com o apoio de D. Pedro II, fundou a primeira escola para surdos na cidade do Rio de Janeiro, usando o meio de comunicação francês usado no Brasil, dando origem a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), em 1957 a escola foi intitulada como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), com um de seus ex-aluno, houve uma contribuição importante, o dicionário de Língua de Sinais no Brasil “Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos”, compartilhando seus sentimentos. O objetivo do referido trabalho, foi o de comunicação para a comunidade surda, para reconhecimento e valorização, havendo grandes progressos reconhecidos pelo diretor da instituição.

No decorrer dos anos, houve grandes marcos, tais como: Instituto Santa Terezinha no Estado de São Paulo, fundado em 1929, primeira escola particular para surdos, dotando o método oralista, bem como o treinamento da leitura labial e o uso do aparelho auditivo, com o passar do tempo foi adotado o método bilíngue, para seu desenvolvimento linguístico, de acordo com o artigo; Aspectos gerais da cultura surda e do ensino da LIBRAS no Brasil.

Dito isto, com todos esses marcos e conquistas, os surdos passam a ganhar espaço por lutarem por seus direitos, e seu espaço no mercado de trabalho.

Dado então, no planalto a lei nº 10.436, de 24 de Abril de 2002. que

regulamenta a Língua Brasileira de Sinais. Entende-se como Língua Brasileira de

Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 1º “É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.”

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais-Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais- PCNs, conforme legislação vigente (BRASIL,2002, p.1).

Com o reconhecimento da língua brasileira de sinais (LIBRAS) a valorização, cultura e seu espaço na comunidade vem sendo cada dia mais ocupada no mundo.

### **Perspectivas legais do ensino bilíngue no Brasil**

O bilinguismo é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar. Os estudos têm apontado para essa proposta como sendo a mais adequada para o ensino das crianças surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como língua natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita (QUADROS, 1997, p. 67, 68).

Historicamente, pessoas com deficiência auditiva eram consideradas amaldiçoadas, seres desprovidos de aprendizagem, sendo excluídos do contexto social. A linguagem oral não acontece de forma natural para o surdo, caso queira adquirir tais habilidades, faz se necessário o processo de ensino da fala, leitura e escrita, mesmo com o fato de que nem todos têm a oportunidade de desempenhar esse processo com excelência.

A LIBRAS é sua língua materna, meio de comunicação e identificação para surdos e ouvintes, desenvolvendo competências linguísticas, comunicativas e cognitivas, fazendo parte da comunidade de ouvintes e surdos.

No artigo perspectivas legais do ensino bilíngue no Brasil, explicita que na história da educação, os surdos foram excluídos da sociedade, vistos como ineducáveis, sem capacidade de agir com razão ou competência linguística, e nos

meados dos séculos, passavam a maior parte na escola tendo aulas com o oralismo, do que com a escolarização, havendo uma queda na aprendizagem desses alunos, percebe-se então que nessas ações não há respeito à diversidade, igualdade, e respeito pelas diferenças nas características das comunicações, eram tratados como pessoas doentes.

Com base no artigo que sujeita ao autor Soares (1990), antigamente achavam que a deficiência auditiva se tratava de uma doença, e o tratamento a que era submetido era doloroso e reversível, deixando marcas em quem optava pelo método. Nos Estados Unidos, surgiu então a comunicação total, oferecendo estratégias possíveis para meio de comunicação, mesmo com a boa intenção, não obteve sucesso, pois ainda eram ensinados a linguagem oral.

Em meio ao artigo, há o modelo de Educação Bilíngue e o modelo da Escola inclusiva.

modelo de educação bilíngue contrapõe-se ao modelo oralista porque considera o canal viso gestual de fundamental importância para a aquisição de linguagem da pessoa surda. E contrapõe-se à comunicação total porque defende um espaço efetivo para a língua de sinais no trabalho educacional; para que cada uma das línguas apresentadas ao surdo mantenha suas características próprias e que não se "misture" uma com a outra (SKLIAR, 1999, p. 45).

De acordo com Skliar, os modelos da educação: bilíngue e inclusiva. Visam a linguagem bilíngue como essencial e importante para comunicação do surdo, como processo de aprendizagem em todos os aspectos do conhecimento, vai além da comunicação do surdo x surdo, é o desenvolvimento cognitivo e social do indivíduo com surdez.

Mediante a leitura do artigo "Educação e Bilinguismo", observa-se que o bilinguismo dá ênfase e valorização educacional e escolar, para os saberes do aluno com surdez e tornar conhecimento próprio, tanto na língua de sinais como primeira língua, quanto a de seu país como a segunda. Na lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996 de bases e diretrizes, garantir acesso e permanência dos alunos com necessidade educacionais especiais e orienta para a inclusão em classes comuns do sistema regular de ensino, mas deixando de lado a inclusão das pessoas com deficiência auditiva, fora do sistema norteador da educação, consta no documento o direito igual do cidadão, mas o "igual" ainda não é visto nas práticas.

No planalto, o decreto dos direitos dos surdos, o decreto nº 5.626/05 veio regulamentar a Lei nº 10.436/02 e o artigo 18 da Lei nº 10.098/00 sobre a Língua Brasileira de Sinais e a inclusão nas escolas estabelecendo a estrutura curricular nas grades de nível médio e superior que disponibilizam ao aluno surdo um intérprete/tradutor de LIBRAS para as relações de linguagem e diálogos entre ouvintes e surdos e vice-versa no espaço escolar, embora, mesmo com esse decreto, não vemos professores e intérpretes nas escolas para alfabetização das pessoa com surdez.

Por meio das pesquisas elaboradas para este arquivo, entende-se que a educação inclusiva se trata de compreender e aceitar o indivíduo em sua individualidade e singularidade, com objetivo no desenvolvimento da sociedade inclusiva, com isso, o bilinguismo faz se necessário para convivência e comunicação do surdo x surdo e surdo x ouvinte, para que aconteça de forma natural, para que a aceitação da sociedade e do próprio deficiente auditivo com sua diferença cultural, social.

Na Lei de diretrizes e bases (LDB), Art 4º, inciso III assegura a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais na rede regular de ensino, mas a realidade não condiz com a legislação, um processo que requer um olhar sensível, tanto da rede de ensino quanto da família do aluno, para que envolva em sua convivência todos os alunos e suas mais diversas culturas e especificidade, desde o preparo do docente no processo de ensino da criança, competência e habilidade para o mesmo, e a atenção dos familiares para trabalhar em conjunto com a escola, acompanhar seu filho no processo de ensino.

Com bases nas leis e decretos citados, destaca-se então a importância do bilinguismo no processo de aprendizagem do deficiente auditivo, tanto para sua convivência na comunidade surda e ouvinte, quanto aderir cultura na sua comunicação materna e na língua de seu país, para viver em sociedade sem se sentir excluído ou abandonado pelo seu próprio povo.

### **Processo de ensino e aprendizagem dentro do contexto da alfabetização**

Durante anos as pessoas com necessidades educacionais especial em déficit parcial ou total auditivo enfrentou e vem enfrentando obstáculos para viver

culturalmente e historicamente em sua língua materna, esta que sofreu discriminação, trazendo consequência na vida social do indivíduo com surdez.

Seus desafios e dificuldades inicia-se em seu ambiente familiar, onde muitas vezes os pais são ouvintes, ou seja, a comunicação e expressão da criança passa ser um desafio para ela e seus familiares, sendo que muitos discriminam, procurando especialistas para inserção do aparelho para criança ser ouvinte, ao invés de criar a criança em sua língua materna.

Vale destacar que o processo de desenvolvimento da comunicação do surdo é sua língua, Libras, e é por meio dela sua inserção no mundo, por isso, faz-se necessário que pais se preparem ou aprendam a LIBRAS, para meios de comunicação em seu lar.

Com base no artigo, do tópico “Processo de ensino e aprendizagem dentro do contexto da alfabetização”, as crianças com deficiência auditiva têm por desafio primordial em seus respectivos lares, ao iniciar a escolarização a criança encontra obstáculos no sistema educacional devido as escolas não possibilitarem as condições pedagógicas de alfabetização necessárias para este público, inserindo a LIBRAS como leitura e escrita e não língua e cultura da criança com surdez, sendo que é por direito aprender em sua própria língua, dificultando até mesmo em seu aprendizado com o bilinguismo, L1 Libras e L2 Língua Portuguesa, visto que para ambas as línguas se faz necessário a aprendizagem em sua língua materna, sendo importante para o processo educacional.

Portanto, avistamos o quão importante é profissionais capacitados e escola estruturada para atender crianças com surdez e seus familiares compreenderem e se apropriarem da língua brasileira de sinais, para desenvolvimento social e educacional, sendo mediadores e facilitadores dos processos, permitindo que esse público possa ser alfabetizado em sua língua, assegurando seu direito no processo de aprendizagem como todos.

### **As abordagens no processo de alfabetização no aprendizado da LIBRAS**

De acordo com o texto “as abordagens no processo de alfabetização no aprendizado da Libras, as abordagens sobre o processo de alfabetização na Língua brasileira de sinais inicia-se no século XVI, onde professores trabalhavam com

práticas específica para alunos com tais necessidades educacionais, essas que foram feitas em sigilo e que com o tempo se perdeu devido ao desprezo, ou seja, esse processo de alfabetização vem de uma década, uma luta em que as pessoas com deficiência auditiva vem almejando, lutando pelo seu direito, querendo conquistar seu lugar no mundo, este com sua cultura de linguagem.

Dado o texto, em meio a todo esse caminho com espinhos, surgiram então, instituições que se dispuseram a ajudar pessoas com necessidades educacionais, instituições essas que existem até hoje, e com o decorrer do tempo buscaram aprofundar nos conhecimentos para tais práticas, para assim, melhor atender este público que com o século XX e suas mudanças, necessitavam de mais conhecimentos para as práticas educativas.

Dito isto, com todo esse processo longo e árduo pelo qual pessoas com deficiência auditiva tiveram que passar, houve então a modalidade da educação bilíngue, permitindo que o discente tenha o aprendizado em sua língua materna e diversos conteúdos por meio dela, com acompanhamento de um intérprete ou tradutores que venham agregar para a formação educativa deste ser. Nesse sentido, nota-se o grande avanço na educação da pessoa com deficiência auditiva, já que eram considerados pessoas sem capacidade de compreender, imbecis, ou seja, um avanço e tanto, mas, requer um olhar mais profundo, na necessidade de especialização, formação para tais habilidades nessa área.

Vale ressaltar que para o processo de aprendizagem e reconhecimento da pessoa surda como pessoa apta de conhecimentos, veio de pessoas importantes para esse campo, essas contribuições foram necessárias para o surgimento do bilinguismo, Libras como primeira língua e língua portuguesa como segunda, ou seja, o reconhecimento das libras como a língua do surdo, uma grande conquista.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A abordagem da pesquisa foi de natureza qualitativa, descritiva e exploratória, sendo os sujeitos pesquisados foram: **professores, pedagogo (a), aluno (a) e família**, sendo abordado na rede de ensino fundamental de Serra -ES, os estudos da pesquisa foram manuseados através de questionários aplicado via google forms, das aulas no 1º ano do ensino fundamental da escola pesquisada. E uma entrevista realizada à professora de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).



A pesquisa foi elaborada na rede de ensino Municipal de Vitória-ES. Uma escola grande, possui 18 salas de aulas, laboratório de informática, quadra de esporte coberta e fechada, biblioteca no tamanho médio para demanda de alunos, banheiro com acessibilidade para deficientes ou mobilidade reduzida, refeitório, auditório, laboratório de ciências, parque infantil, sala de secretaria, pátio grande coberto e aberto, sala de professores, sala de recursos multifuncionais para atendimento especializado (AEE), cozinha, banheiro adequado para educação infantil, banheiro com chuveiro, almojarifado.

A escola investigada funciona em três turnos, sendo eles: matutino, vespertino e noturno, atendendo 614 alunos do ensino fundamental anos iniciais e finais e EJA fundamental anos iniciais e finais. Ambiente propício para a faixa etária e demanda de alunos, bem estruturada e dividida, a área externa é grande com árvores e ar livre e parque infantil.

O corpo docente e administrativo é formado por: 4 pedagogos, 5 coordenadores, 1 coordenador de 40h, 1 diretor e 63 professores. Frisando que professores possuem licenciatura, graduação e especialização.

A organização administrativa dá-se por Projeto Político Pedagógico (PPP), regimento escolar, programa para atendimento em outro turno com a participação da escola x família.

A escola acolhe 2 alunos com deficiência auditiva, sendo 1 no 2º ano do ensino fundamental e outro no EJA, ambos estudam em turnos opostos.

Os colaboradores para os estudos são 3 professores, sendo 1 intérprete, professor de LIBRAS e outro professor para alfabetização das crianças, mas, com curso em LIBRAS, ela domina um pouco da língua, e 2 pais.

A faixa etária dos professores é acima de 41 anos e com experiência no magistério entre 11 e 21 anos.

Os meios operados mediante a pesquisa foi o caderno para anotações das informações na observação e relato dos professores.

Os estudos da pesquisa foram manuseados através de observação e pesquisa via google forms. A observação constituiu-se de informações nos aspectos físicos, e especialmente em sala de aula, como se dá o processo de alfabetização, relação

professor x aluno, aluno x turma, trabalhos metodológicos, espaço utilizado para o ensino aprendizagem, dificuldades e amparos.

O questionário foi elaborado com intuito de obter informações sobre a formação e capacitação dos professores e preparo adequado da escola para acolhimento das crianças com necessidade educacionais auditivas.

A investigação inicial ocorreu por meio de contatos telefônicos para algumas escolas da rede municipal de ensino de Serra- ES. E, após os contatos realizados sem êxito para a finalidade desta pesquisa, aprofundou -se a investigação na rede de ensino Vitória -ES. Rede esta, na qual a pesquisa foi realizada em uma de suas escolas. Os estudos bibliográficos realizados instigaram a coleta de informações necessárias para ensino da criança surda em sua língua materna na rede de ensino pública.

Dito isto, a entrevista e observação tem por relevância conhecimento além do da teoria, aprendizado e experiência na vivência desse trabalho.

## **Resultados e Discussão**

Em relação à pergunta sobre a **motivação em trabalhar com crianças com deficiência auditiva** feita com a professora regente de sala de aula deu se por gostar da Língua Brasileira de Sinais, mesmo sendo desafiador. Estudou há 9 anos a língua brasileira de sinais (LIBRAS), mas, é a primeira criança que trabalha com surdez e que ela pode colocar em prática os seus estudos, visto que não domina tão bem, já que ficou tanto tempo sem se comunicar com um deficiente auditivo. Já a professora intérprete motivou-se devido a um aluno que tinha no berçário, como não sabia a LIBRAS, ela optou por estudar a língua para ajudar a comunidade de surdos.

Sobre haver **desafios na prática educativa em sua carreira profissional** com crianças com deficiência auditiva a professora regente de sala diz que o maior desafio é compreender a própria língua, pois é um processo longo, já a intérprete diz que é desafiador alfabetizar criança surda porque geralmente estimula-se a oralidade.

Quando se pergunta sobre as metodologias e recursos apropriados para atender as demandas deste público com deficiência auditiva a professora regente de sala responde que tem apoio de profissionais, intérprete, professor de Libras e materiais adaptados para o aluno surdo, assim como o ensino a outros estudantes, a intérprete não respondeu à pergunta.

A pergunta seguinte foi se correu impacto no ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) no processo de alfabetização das crianças, a professora regente de sala cita que a Libras foi apresentada concomitantemente a este processo, por isso não teve impacto perceptível, sendo que ela já tinha familiaridade com a língua desde a Educação Infantil. A intérprete não respondeu à pergunta.

Quando abordado a existência do Projeto Político Pedagógico- PPP da escola objetivando a formação permanente para a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) a professora regente de sala diz que sim, já a intérprete diz que não tem conhecimento.

Partindo da pergunta não menos importante sobre a escola ter intérpretes ou professores capacitados para atenderem alunos com surdez, ambas professoras respondem que sim.

Sobre o perfil dos respondentes, professor regente e intérprete são de gênero feminino, um com o tempo de experiência no magistério entre 11 e 20 anos, já o outro acima de 21 anos, idade acima de 41 anos.

A instituição pesquisa tem crianças de baixa renda de bairros próximos, esses que são periféricos. A sala que foi feita a observação é composta por 19 alunos, um espaço propício para a quantidade de alunos e boa circulação de ar.

Visto que através da observação pude perceber o quão preparados os professores estão para o ensino aprendizado dessa criança, já que as três professoras falam a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Neste sentido, a criança tem todo suporte, recursos, metodologias e estratégias para o ensino desse aluno com surdez.

Vejamos informações coletadas através das observações construídas por análise do trabalho do professor.

A seguir serão trabalhadas as seguintes categorias encontradas no resultado da investigação, a saber: inclusão, escola e família, formação continuada e alfabetização.

### **Inclusão**

Diante dos diálogos com os professores e pedagogo a escola trabalha com a modular língua brasileira de sinais (LIBRAS), mesmo em meio a pandemia com as

aulas remotas, as aulas aconteciam, visto que a criança com deficiência auditiva não participou de nenhuma aula, mas, a escola sempre enviou materiais que eram feitos com datilografia para trabalhar a língua do surdo com essa criança deficiente auditivo.

Após o retorno das aulas contrataram a professora de LIBRAS, a intérprete e já havia a professora regente que também domina a língua, as crianças têm noções básicas dessa língua, elas se comunicam com esta criança através da língua de sinais, e colocaram essa modular para as crianças do 3º anos, visto que a mesma também participa do recreio com a série em que a criança com surdez estuda, vemos através dessa prática o quão acolhida e incluir essa criança está em seu processo de ensino e sua vivência e participação no mundo dos ouvintes através da sua língua.

No recreio as professoras deixam a criança sozinha para interagir com os colegas, ela se senta na mesa com um coleguinha que se comunica na língua brasileira de sinais, após a sua refeição vai para o pátio e fica sentada até que algum coleguinha chegue e a chame para brincar e o meio do convite é por cutucação e fazem a brincadeira da pedra, papel ou tesoura, quem perde vai correr para boiar, sua brincadeira favorita.

Por meio da observação percebe-se o preparo destas crianças para a comunicação com o surdo, pois em meio ao surto pandêmico não deixaram de aplicar as aulas, o que foi eficaz para a comunicação com o retorno das aulas e interação da criança surda com o ouvinte.

O que a escola vem fazendo é satisfatório e lindo, pois essa inclusão faz a criança e sua família se sentir acolhida e segura para o ensino aprendido e instiga a criança a estar ali e participar das aulas.

### **Escola x família**

Em meio a observações e diálogo, professores e pedagogo relataram que mesmo em meio a pandemia sempre prepararam aulas e materiais adequados para a criança, mesmo que ela não compreende totalmente a sua língua, mas, ela aprendeu bastante os professores buscam incentivar através das aulas falarem em libras e fazer com que ela responda na língua de sinais.

Os professores sempre estão ao lado do aluno explicando aulas e atividades em libras, conversam por libras, quando ela não compreende, abaixam as máscaras para ela fazer a leitura labial, visto que ela foi alfabetizada oralmente. Mas, a escola

trabalha com a criança a sua língua materna, fizeram um programa onde a criança iria no turno vespertino para fazer aula da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) junto com seus familiares, fizeram todo o planejamento e obtiveram aprovação para tais fins, entraram em contato com a família e fizeram convite para a participação no processo.

Os mesmos não responderam de imediato e quando a escola resolveu ir atrás da resposta, os pais se esquivam com justificativas, sendo algo triste, visto que ela vem de família de ouvintes e somente uma irmã aprendeu a LIBRAS para poder ajudar na sua escolarização em casa na pandemia, ou seja, a escola está sempre apoiando e buscando recursos para melhor ajudar a criança e sua família, mas, vemos que há desafios nesse processo de ensino em que a escola busca o melhor para o aluno e não recebe o retorno esperado, mas, não menos importante é que os pais sempre mandam a filha pra escola, sendo raro sua ausência nas aulas, o que é essencial para aprimoração da língua dessa criança.

### **Formação continuada**

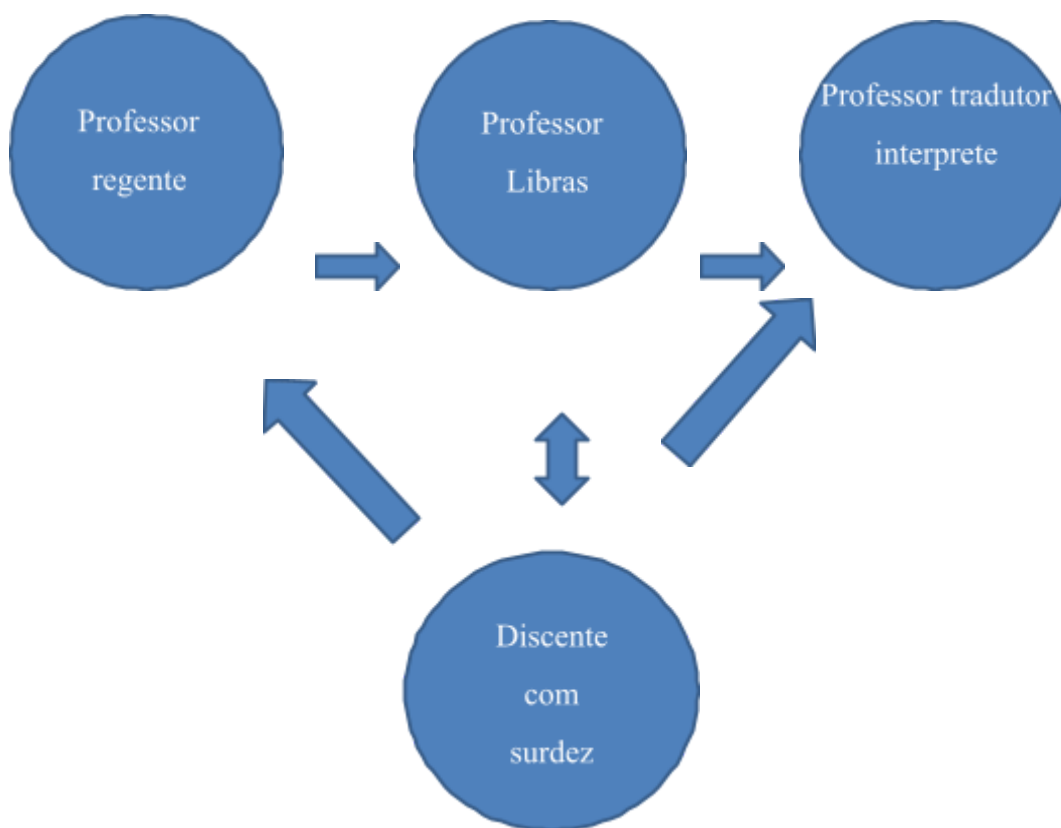
Vemos que nessa escola temos professores especializados e que dominam a língua para o processo de ensino do aluno surdo, são professores que falam a língua durante a aula e fazem com que todos da turma também se comuniquem.

Portanto, vemos o quão importante é uma escola com professores com formação continuada, para estarem preparados para atuar e com excelência nesse ramo, já que é um mundo silencioso, porém, prestigioso.

### **Alfabetização**

Em relação ao processo de aprendizagem da criança com deficiência auditiva, se dá por meio de professores especializados, metodologia, recursos apropriados para este aluno, com a professora regente que domina o básico da Libras, que leciona de forma oral e na Libras, estimulando a todos a falarem a língua e a compreensão da mesma, e a intérprete/tradutora que está auxiliando a professora para caso de visitas, suporte a professora em uma configuração de mão que não conhece.

Abaixo, mostra-se como funciona o ciclo da alfabetização com os professores da criança com surdez.



A aluna em questão aprende com três professores a saber: a professora regente, a professora da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), e a intérprete.

A professora regente é que dá aula para a turma, ela domina a Libras de forma razoável, básica, mas, que dá pra se comunicar com a criança surda, ela dá aula de forma oral, mas, também cita algumas coisas em Libras, às vezes, para melhor compreensão da criança, ela tira a máscara para o aluno fazer a leitura labial para compreender a explicação da aula, mas, o pouco que ela domina, ela comunica com a criança, visto que é uma criança que não fala totalmente sua língua materna, sendo que às vezes a mesma só responde com o balançar da cabeça com sim ou não, mas, a todo o momento estimulam ela a falar a Libras, sua língua maternal.

A professora de LIBRAS que é surda, com perda total da audição, senta ao lado do aluno, fica durante toda a aula ao lado da aluna, leciona somente na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), explica e tira dúvidas, instiga a mesma a pensar e responder as questões sozinha, todo o meio de comunicação entre as duas é por meio da Libras, ou seja, o que a professora regente explica de matéria, a professora de

Libras passa para a aluna por meio da Libras, a mesma também dá suporte para as crianças ouvintes.

A intérprete que também acompanha o aluno e ajuda a professora de Libras a se comunicar com um ouvinte, por exemplo: quando é reunião de pais, em que precisa se comunicar com os ouvintes, a professora intérprete vai falando o que os pais perguntam através da Libras e as respostas da Professora de Libras é traduzido oralmente para os pais.

Ou no meu caso, que me apresentaram a ambas e relataram o intuito de estar ali, a professora de intérprete ia traduzindo em Libras para a especialista e o que eu dizia a professora ou perguntava, era dito em Libras pela intérprete, as respostas da professora de Libras, era traduzido oralmente pela intérprete, e no PL da professora de Libras que é toda sexta-feira a intérprete assume, fica ao lado da criança alfabetizando em sua língua, e quando é PL na segunda-feira da professora intérprete a de Libras é que assumi sozinha.

A alfabetização ocorre por meio do ensino da Língua brasileira de sinais, a professora de Libras fica totalmente a cargo desta criança, ela é rígida, exige que a criança se comuniquem em Libras, responda as questões em Libras, já a anterior que estava em seu lugar, respondia as perguntas, conseqüentemente não houve muito avanço, mas, com a atual, ela já desenvolveu bastante, em meio os desafios que passou.

Durante a pandemia todas as matérias e atividades que foram enviados para a casa dessa criança resultou na alfabetização de um dos irmãos, esse que aprendeu o básico das LIBRAS através dessas apostilas e atividades, e pode ajudar a irmã, visto que a discente com deficiência auditiva vem de família ouvinte, mas, com a ajuda da irmã nas atividades de casa, ela aprendeu o pouco para voltar as aulas presenciais e falar o básico.

De acordo com as figuras abaixo sobre a produção da aluna surda, observa-se que ela tem uma caligrafia caprichada e desenha bem, suas atividades sempre são realizadas, seja em sala de aula ou em casa. A atividade para casa é explicada em sala pela professora de Libras e realizada em casa.



Figura 1: desenho que foi elaborado com a ilustração do texto em que foi escrito no quadro e copiado por ela.

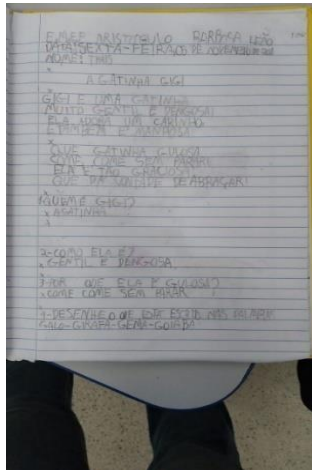


Figura 2: texto copiado com sua caligrafia cuidadosamente e bem caprichado.

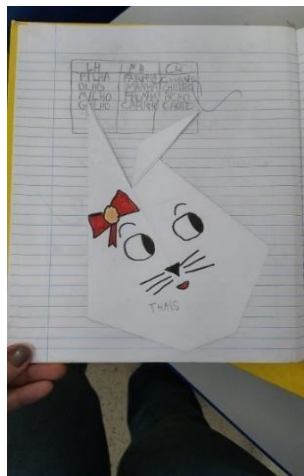


Figura 3: É o desenho feito através da interpretação do texto, visto que ela fez sozinha.



Com a fala da professora regente, em que cita o cuidado e o capricho que a criança tem em fazer suas atividades diárias, em que cumpre com a realização das tarefas propostas.

Vale destacar que as aulas e atividades são escritas, mas, ensinadas na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), tirando dúvida e explicando a atividade para casa, para que seja feito.

Os meios adotados para esta criança são para todos, ou seja, os livros, atividades folhas e demais, não tem muita datilografia, só uma ou outra, mas, os outros também fazem essa atividade em datilografia, a explicação de cada realização da tarefa é feita por Língua Brasileira de Sinais. Na hora do recreio ela fica sozinha para fazer sua refeição e interagir com os colegas, ela se senta na mesa para lanche e seu coleguinha conversa em Libras, ao ir para o pátio coberto ela fica sentada observando os colegas a brincar, quando um se aproxima e faz a brincadeira da pedra, papel e tesoura, ela perde e sai correndo (boiar) o amiguinho, pois no recreio ela gosta de brincar de pique pega.

Ao decorrer desse primeiro ano volta às aulas, o aluno com surdez obteve grande avanços mesmo em meios alguns desafios pelo caminho, em meio a pandemia os alunos da turma da criança surda eram alfabetizados na Língua Brasileira de Sinais, os professores que trabalham com essa criança têm um trabalho em equipe, estarem em consonância, buscam dar autonomia, a colar suas atividades sozinhas, escrever, pensar, falar.

Vale destacar que a professora de Língua Brasileira de Sinais não respondeu os questionários via google forms.

Entretanto, com a pesquisa de campo, pude ver que a alfabetização da criança surda na rede de ensino regular pública, tem organização administrativa, recursos, metodologias e professores capacitados para atenderem criança com deficiência auditiva, conseqüente com a inserção da modular da Libras no 2º e 3º ano faz com que não só a turma do discente domine a língua, mas, outros que participam do recreio com ela.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por fim, a pesquisa remete a breve histórico, surgimentos, leis e decretos e observações feitas que partem de teóricos que trazem ressignificado para a educação

das crianças com deficiência auditiva, pois embora haja poucos profissionais capacitados para atuar na educação da língua brasileira de sinais (LIBRAS), vemos que o pouco que há, está contribuindo para a formação do indivíduo em sua cultura de linguagem e que possa futuramente ser um docente para adotar tais práticas.

Contudo, vemos que ao decorrer dos estudos, leis e decretos que asseguram a criança o direito à educação ficam apenas no papel, pois, o surdo depara-se com o despreparo da escola e professores capacitados para atendê-los, dificultando o acesso à escolarização em sua língua materna.

O propósito desta pesquisa é acompanhar como se dá o processo de ensino da criança surda na rede de ensino pública, com a apuração satisfatória, pois a escola oferta ensino qualitativo com recursos, profissionais capacitados/especializados, metodologias, recursos e organização administrativa voltado para a criança com deficiência auditiva, o trabalho em que professor e pedagogo fazem em conjunto e o trabalho em equipe entre as professoras que lecionam para essa criança na sala de aula, contribuem para o processo de ensino destas crianças de forma natural.

Diante dos estudos científicos com base na alfabetização do surdo, percebe-se que os desafios vêm sendo constantes desde os séculos passados, onde a falta de capacitação do profissional na área da Libras, metodologias, e recursos são uns dos obstáculos no processo de ensino da criança surda em uma rede de ensino regular.

## **REFERÊNCIAS**

GRACIA, Luiz Santos; **Alfabetização e Inclusão da pessoa com surdez**. Monografia, 2015.

OLIVEIRA, Naiana Palma; **Instrumento de inclusão escolar do aluno surdo**. Monografia, 2012.

MIRANDA, Antônio Luiz Alencar; da, SILVA, Ana Rosária Soares; MIRANDA Shirlane Maria Batista da Silva; **Educação especial e inclusiva na perspectiva de ensino bilíngue**. Revista puc.sp.br/esp, 2020.

FARIAS, Zaiane dos Santos Souza; SÃO JOSÉ, Elisson Souza; FARIAS,

Alisson dos Santos; **um breve relato histórico do ensino de LIBRAS no**

**Brasil.2021.**

OTOCENTER, Portal, clínica de otorrinolaringologia,  
<http://otocenter.com.br/deficiencia-auditiva-atinge-97-milhoes-de-brasileiros/>

BROGLIA, Cristina Feitosa de Lacerda; **a inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência;** disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/KWGSm9HbzsYT537RWBNBcFc/?lang=pt>

Dizeu, Liliane Correia Toscano de Brito e Caporali, Sueli Aparecida; **A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito.** Educação & Sociedade [online]. 2005, v. 26, n. 91.

CAROLINA, Bastos. A inclusão não é só divulgação: **contra a exclusão do curso de Letras-Libras da UFJF.** Revista esquerda online (EOL), JF, 2020; disponível em: [esquerdaonline.com.br/2020/07/02/inclusao-nao-e-so-divulgacao-contra-a-exclusao-do-curso-de-letras-libras-da-ufjf/](https://esquerdaonline.com.br/2020/07/02/inclusao-nao-e-so-divulgacao-contra-a-exclusao-do-curso-de-letras-libras-da-ufjf/).

GOV, Planalto, portal; disponível em <https://esquerdaonline.com.br/2020/07/02/inclusao-nao-e-so-divulgacao-contra-a-exclusao-do-curso-de-letras-libras-da-ufjf/>.